

A POLÍTICA DE EXPANSÃO DA LÍBIA E DA TURQUIA EM ÁFRICA

Hüseyin Bağcı

bagci@metu.edu.tr

Professor na *Middle East Technical University* (Ankara, Turquia).

Serdar Erdurmaz

serdar.erdurmaz@hku.edu.tr

Professor Associado na *Kalyoncu University* (Gazi Antep, Turquia).

Resumo

Neste artigo, analisa-se a forma como a Turquia deve envidar todos os esforços para melhorar as suas relações com a Líbia, a fim de ter êxito no avanço da "Evolução Africana". O estudo abrange o período do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) desde 2009, incluindo a revolta dos rebeldes de Benghazi, até à morte de Kadhafi e o período pós-Kadhafi até ao presente.

Palavras-chave

Turquia, Líbia, África, Terrorismo, política externa turca, Médio Oriente, AKP

Como citar este artigo

Bagcı, Hüseyin; Erdurmaz, Serdar (2017). "A política de expansão da Líbia e da Turquia em África". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 8, N.º 2, Novembro 2017-Abril 2018. Consultado [online] em data da última consulta, DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.8.2.4>

Artigo recebido em 26 de Junho de 2017 e aceite para publicação em 4 de Setembro de 2017





A POLÍTICA DE EXPANSÃO DA LÍBIA E DA TURQUIA EM ÁFRICA¹

Hüseyin Bağcı
Serdar Erdurmaz

1. Introdução

Em novembro de 1996, Necmettin Erbakan, ex-primeiro-ministro, fez uma visita a Muammar Kadhafi para receber o elevado montante de dívidas aos empreiteiros turcos, que não eram pagos há muito tempo. Kadhafi adotou uma atitude muito pouco diplomática e usou expressões perturbadoras para os turcos enquanto se dirigia ao primeiro-ministro turco. Esta é a primeira impressão que o público turco teve do líder líbio, Kadhafi, encarando-o como um homem do deserto desrespeitador e não como um diplomata (NTV 2009). Este evento foi o primeiro a atrair a atenção do público turco. No entanto, as relações mútuas melhoraram desde 2009, graças às crescentes relações comerciais, financeiras e políticas, até a revolta de Benghazi contra Kadhafi no âmbito da primavera árabe no início de 2011.

No início da revolta contra Muammar Kadhafi, a Turquia apoiou Kadhafi, afirmando que a Líbia devia lidar com seu próprio problema e que não havia necessidade de qualquer intervenção internacional. A posição da Turquia relativamente às revoltas fez com que os opositores em Benghazi manifestassem uma atitude adversa em relação à Turquia. Posteriormente, devido ao fato de Kadhafi não ter mudado de atitude, a Turquia interrompeu contatos com Kadhafi. Mais tarde, essa atitude de Ancara mudou o clima adverso da oposição em Benghazi a favor da Turquia. Na guerra civil, milhares de adversários de Kadhafi feridos foram trazidos para os hospitais turcos a fim de receberem tratamento. A Turquia contribuiu com milhões de dólares para as revoltas e acolheu os líderes do conselho de transição na Turquia.

Após a expulsão e morte de Kadhafi no final de 2011, as divisões acentuaram-se e surgiram dois governos rivais no país, um em Tobruk e o outro em Trípoli, cada um com os seus próprios parlamentos e forças militares, e que tiveram grande impacto nas relações turco-líbias. Por esse motivo, Ancara apoiou "o Congresso Geral Nacional dominado pela Irmandade Muçulmana com sede em Trípoli²". Em 2015, as relações entre Tobruk, apoiado pelo Ocidente, e Ancara deterioraram-se muito, levando à decisão da Líbia de cessar todas as relações com a Turquia e expulsar todas as empresas turcas a operar no país (Kayalioglu 2016a).

¹ A tradução deste artigo foi financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto do OBSERVARE com a referência UID/CPO/04155/2013, e tem como objetivo a publicação na Janus.net. Texto traduzido por Carolina Peralta.

² Consultado *on-line* em <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/06/turkey-libya-economic-interests-ankara-tripoli-embassy.html>



Por outro lado, o Presidente Recep Tayyip Erdogan iniciou uma "Expansão Africana" quando era primeiro-ministro com o objetivo de melhorar as relações mútuas nos campos políticos, económicos e culturais. O governo turco declarou 2005 como "o Ano da África" e a Turquia obteve o estatuto de observador junto da União Africana no mesmo ano, visitando igualmente países da África subsaariana (Etiópia, África do Sul) e do Norte de África (Tunísia e Marrocos). O número de embaixadas turcas aumentou para 39 em 2015, enquanto em 2009 era de 12, e a Turquia também abriu consulados comerciais em 26 capitais africanas (MFA 2017b). Para além disso, "assinaram-se acordos de cooperação comercial e económica com 38 países africanos, em conformidade com os esforços de estabelecer uma base sólida para as relações económicas mútuas"³.

Este é o vasto cenário do esforço da Turquia em todo o continente africano, o que obriga Ancara a estabelecer uma relação boa e sólida com a Líbia, uma vez que este país serve de porta de entrada desde o Mar Mediterrâneo até ao interior de África, do norte até ao meio do continente.

Em primeiro lugar, o governo da Turquia, juntamente com o Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), gostaria de ter uma presença tanto no norte de África como na África subsaariana, e de estabelecer boas relações políticas, económicas e culturais com os países das duas regiões.

Quando se estuda as relações entre a Turquia e a Líbia, percebe-se facilmente que não há disputa relativamente aos interesses nacionais mútuos dos dois países, e que a divergência se baseia nas disparidades políticas sobre o apoio ao Governo Nacional de Transição da Líbia.

Se a Turquia quiser ser eficaz no Norte da África, então Ancara não pode ignorar a Líbia, e deve fazer tentativas políticas e diplomáticas para restaurar as boas relações com o atual governo da Líbia.

Neste artigo, analisa-se a forma como a Turquia deve envidar todos os esforços para melhorar as suas relações com a Líbia, a fim de ter êxito no avanço das iniciativas da "Evolução Africana". O estudo abrange o período do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) desde 2009, incluindo a revolta dos rebeldes de Benghazi até à morte de Kadhafi e o período pós- Kadhafi até ao presente.

2. Relações entre os dois países na era AKP e Kadhafi

Durante o período de Kadhafi, os dois países envidaram esforços para manter as relações turco-líbias abertas ao desenvolvimento. O ministro de Estado, Zafer Caglayan, fez uma visita à Líbia no início de janeiro de 2009, durante a qual os dois países chegaram a um acordo sobre investimento, construção e comércio.

O estabelecimento e funcionamento das zonas de comércio livre foram os primeiros na lista das áreas nas quais a Turquia e a Líbia poderiam estabelecer uma parceria. A delegação líbia visitou a Turquia em 2010, sob a presidência de Gamal Al Lamushe, Secretário da Junta de Privatização e Investimento da Líbia, para discutir estes assuntos com os seus colegas turcos. O fórum de investimentos realizou-se durante a visita acima mencionada para reunir as empresas dos dois países dispostas a formar uma associação,

³ Consultado *on-line* em <http://www.mfa.gov.tr/turkey-africa-relations.en.mfa>



visando fazer investimentos mútuos e comuns em África na área da energia, pequenas e médias empresas, tecnologia, serviços de consultoria, banca, água, transportes, turismo, educação, publicidade, cultura, saúde, meio ambiente, agricultura, pescas etc..

Durante a visita que o primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan realizou em 2009, assinaram-se oito memorandos de entendimento e acordos sobre isenção de vistos, cooperação na área da e banca, investimento em África e transportes. Além disso, durante a visita de Mustafa Mohamed Abdul Jalil, Ministro da Justiça do Comité Geral do Povo Líbio, assinou-se um Acordo de Cooperação Judicial entre a Turquia e a Líbia. Os dois países acordaram a assinatura de novos acordos, como a prevenção de dupla tributação e o de parceria económica, a fim de reforçar a cooperação entre ambos.

No que diz respeito à assinatura do acordo de cooperação económica, concluíram-se três rondas de negociações, tendo-se decidido que a quarta ronda teria lugar em maio de 2010 em Ancara. Além disso, prosseguiram os processos de negociação para acordos de cooperação em matéria de educação, cultura, ciência, juventude, desporto, pescas, emprego, imigração ilegal, fundação de uma câmara conjunta de comércio e cooperação entre os Crescentes Vermelhos dos dois países.

O número total de projetos que as empresas de construção turcas empreenderam na Líbia no período 2009-2010 foi de 124. Algumas das principais empresas de construção da Turquia como a Dogus, Guris, Nurol, Metis, Tekfen e Yuksel Insaat operaram na Líbia. Entre os trabalhos realizados pelas empresas turcas na Líbia no período 2009-2010, encontram-se 1013 projetos habitacionais na região Al Falah de Trípoli pela Tasyapı, o Centro Comercial Burj Al Baher, o Projeto Hotel e Habitação pela Summa Líbia e a construção das linhas do transporte de energia Sirte-Huon pela Mitas.

Além disso, a SEGA Insaat realizou todas as obras de infraestrutura na cidade de Gariat Sharkiya, o Grupo Cevahir executou a construção do Centro Comercial Benghazi e a Celtikoglu Insaat empreendeu o Projeto de Construção de Esgotos de Wadi al Mejaneen em Trípoli. A Teknik Yapı realizou um projeto de habitação luxuoso de 150 biliões de euros numa área de 50 mil metros quadrados em Trípoli, que foi declarada área de turismo na Líbia.

O volume de negócios entre os dois países foi de 1,4 biliões de dólares em 2008. Esta taxa aumentou 57% em 2009 e atingiu 2,2 biliões de dólares. Esperava-se que esse número subisse para 10 biliões de dólares nos cinco anos seguintes. Antes da revolta, havia 120 empresas turcas registadas na Líbia durante o período de Kadhafi, trabalhando em vários projetos de infraestrutura e superestrutura.

Considerando as questões acima mencionadas, verifica-se que durante o governo de Kadhafi, a Turquia e a Líbia tiveram uma cooperação bastante estreita. Sobre as insurreições destinadas a derrubar o regime de Kadhafi, que ocorreu como resultado da Primavera Árabe, o primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan afirmou que o problema da Líbia era um problema interno que deveria ser superado pelo próprio país. As boas relações entre a Turquia e a Líbia permitiam fazer essa declaração. É possível pensar que, com essa declaração, a Turquia pretendia manter o equilíbrio existente com o regime de Kadhafi.

No entanto, no seguimento das exigências de França e do Reino Unido para uma intervenção individual, essa atitude deu lugar a uma tentativa de conseguir uma forma



alternativa de resolver o problema. Tendo-se oposto inicialmente à intervenção da NATO, a Turquia apoiou mais tarde a intervenção sob a égide da NATO.

3. A insurreição na Turquia

A Turquia esteve envolvida na questão líbia desde o início para resolver o problema da evacuação dos seus cidadãos que tinham realizado grandes investimentos no país. Se por um lado a Turquia adotou o princípio de garantir a segurança de vida dos seus cidadãos como principal prioridade, por outro manteve-se em contato contínuo com o regime de Kadhafi para persuadi-lo a considerar as exigências dos líbios de forma pacífica. Esses desenvolvimentos políticos fizeram com que os opositores em Benghazi desenvolvessem uma atitude adversa em relação à Turquia. Não tendo havido qualquer mudança na atitude de Kadhafi, a Turquia cessou o seu contato com Kadhafi.

Essa atitude de Turquia alterou a atitude adversa em Benghazi a favor da Turquia. Além disso, o método de resgate humanitário da Turquia, a transferência de pacientes da Líbia para a Turquia e as ajudas do Crescente Vermelho Turco e do Ministério da Saúde em Benghazi e nas regiões vizinhas levaram o povo líbio a aproximar-se da Turquia. A Turquia manteve uma política ativa, apesar de todas as maquinacões da França. A Turquia mudou a sua atitude inicial e tornou-se ativa, assumindo uma atitude passiva no ar e no mar enquanto parte da NATO. Além disso, a *Izmir Joint Air Headquarters* desempenhou um papel na Operação *Unified Protector* (Protetor Unificado).

A Turquia opôs-se aos rumores que apontavam para uma solução que implicava a eliminação da integridade territorial, separando a parte oriental e ocidental da Líbia durante os primeiros dias da revolta, destacando o respeito pelo princípio da integridade territorial, insistindo na indivisibilidade dos recursos naturais e enfatizando que tais recursos naturais pertenciam ao povo líbio.

A Turquia manteve relações cordiais com o Conselho Nacional de Transição (NTC) através das visitas do Ministro dos Negócios Estrangeiros e do Primeiro Ministro e através da ajuda monetária, o que manteve o caminho aberto para a cooperação com o futuro governo. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Ahmet Davutoglu, fez duas visitas a Benghazi, uma em julho e outra em agosto.

Em comparação com os países europeus, a Turquia foi o país que envidou esforços mais concretos para atender às necessidades básicas urgentemente exigidas pelo NTC. Entre as tentativas de desenvolver as relações com o NTC, a Turquia abriu uma linha de crédito para a Líbia, dotou-a de fundos, confiscou os recursos de Kadhafi de acordo com as resoluções do Conselho de Segurança da ONU e transferiu o Banco Árabe Turco para o Fundo de Garantia de Depósitos. Além disso, o contributo da Turquia, juntamente com o Catar, em fornecer petróleo aos opositores em Benghazi para manter as suas vidas e executar a operação constituiu um passo importante.

Todas as atividades comerciais realizadas por empresas turcas nos territórios da Líbia foram bem-vindas pelo NTC, e afirma-se que serão requisitadas mais atividades.

Ao organizar as reuniões do Grupo de Contato realizadas em 15 de julho, a Turquia desempenhou um papel ativo e legitimou esse papel. No final de setembro, o primeiro-ministro Erdogan fez uma visita à Líbia após ter estado no Egito e na Tunísia. A visita e o discurso que fez aos líbios tiveram grandes repercussões no mundo.



A atitude ativa da Turquia a partir do primeiro dia da revolta foi observada atentamente pelos países europeus. Por outras palavras, a Turquia não é um país observador e monitor; pelo contrário, é observada, além de ser determinante enquanto influencia os outros.

Além disso, a Turquia prestou ajuda monetária ao NTC, tendo sido acordado que a Turquia daria um total de 300 milhões de dólares. Desse montante, 100 milhões de dólares seriam doações, 100 milhões de dólares seriam créditos em troca de projetos e 100 milhões de dólares seriam fornecidos sob a forma de créditos em dinheiro. O valor em dinheiro foi depositado na conta do NTC aberta no Banco Central em Ancara. Dez milhões de dólares de auxílio em dinheiro dos 100 milhões de dólares foram enviados a 27 de julho e os restantes 90 milhões de dólares foram entregues às autoridades do NTC que vieram recolhe-los nos dias 8, 10 e 21 de agosto. As autoridades transportaram esse dinheiro num avião líbio. Na explicação dada pelo Conselho Nacional de Transição a 31 de julho de 2011, foi dito que os rebeldes receberam 200 milhões de dólares da Turquia (Hurriyet 2011).

A Turquia obteve a aprovação da Líbia em termos de construção, zoneamento e povoamento. A Líbia era um dos países onde as empresas turcas estavam a trabalhar de forma muito ativa e intensa. O reconhecimento do novo governo e a aceitação da cooperação ficou semiconcluída devido ao início das revoltas e a conclusão dessas obras tornarão mais fácil à Turquia assumir novas responsabilidades no processo de reconstrução. Assim, o NTC fez uma exigência relativamente a esta questão, tendo-se feito promessas importantes. Afinal, a Turquia estava pronta para assumir o papel necessário na Líbia como um país muçulmano democrático.

4. A Líbia após Kadhafi e a Turquia

O problema mais grave foi a falta de segurança desde o fracasso do esforço de desarmar e desmobilizar as milícias rebeldes após a guerra (Chivvis, Christopher S. Martini 2014).

Após a revolução, em 2012, o Conselho Geral Nacional eleito foi uma instituição aceite por diferentes segmentos da sociedade. Em agosto de 2012, o NTC transferiu o poder para o Congresso Geral Nacional (CGN), um parlamento eleito que viria a selecionar um presidente de estado interino. Os anos de 2012 e 2013 foram de esperança e de elevadas expectativas políticas no país. Neste período de reconstrução, a abordagem geral da Turquia foi a de apoiar e responder aos pedidos provenientes da Líbia. No entanto, a Líbia atravessava um ciclo diferente, no qual a violência estava a ser usada como uma política do general Khalifa Haftar, que havia cometido um golpe militar no início de 2014. Como resultado, a Líbia oriental estava sob o controlo das forças armadas comandadas pelo general Haftar, enquanto grupos armados independentes assumiam uma posição dominante para garantir a segurança nas regiões ocidental e do sul. Em última análise, a crise levou à existência de três diferentes conselhos e governos, que alegavam ser organizações oficiais legítimas para governar o país.

O governo de transição e o Parlamento do Conselho Nacional foram fundados em Trípoli em 2011, constituídos principalmente por um grupo islâmico radical. Em 25 de junho, este Parlamento organizou eleições em que a participação foi de 25%; no entanto, essa taxa diminuiu 15% após o cancelamento do voto pelo Conselho Eleitoral. Estabeleceu-se



um novo governo a partir daí e das eleições mal sucedidas do general Khalifa Hafter em Tobruk, que declarou que iria lutar contra o terrorismo islâmico radical.

Ancara inicialmente recusou reconhecer o Parlamento e o governo de Tobruk, reconhecido pelo Conselho de Segurança da ONU, Estados Unidos, União Europeia, Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, etc., como o governo oficial da Líbia. A reação do presidente Erdogan, em 2014, foi "a Turquia não pode aceitar a reunião da legislatura líbia em Tobruk" (Gmbwatch 2014) (Levent 2014). De acordo com esta afirmação, enquanto "os aliados ocidentais apoiavam o governo reconhecido pelas Nações Unidas em Tobruk, Ancara apoiou o Congresso Geral Nacional dominado pela Irmandade Muçulmana com sede em Trípoli"⁴. Imediatamente após esta declaração, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Líbia afirmou que era "uma interferência flagrante nos assuntos internos da Líbia" e retirou o seu Embaixador (Gmbwatch 2014). Na sequência desta disputa, as relações entre os dois países deterioraram-se (Kayalioglu 2016). A administração de Tobruk anunciou que os cidadãos turcos tinham que sair da Líbia e assim cessaram todas as relações diplomáticas. Em julho, Ancara foi forçada a fechar a sua embaixada na Líbia. Além disso, o primeiro-ministro da Líbia, Thinni, afirmou que os empreiteiros turcos podiam perder a esperança, pois as empresas turcas não seriam autorizadas a continuar a trabalhar na Líbia e seriam impedidas de se candidatarem aos concursos propostos pelo governo. Esta decisão impediu as empresas turcas de trabalhar no país (Erdogan e Çelik 2015).

A 3 de janeiro de 2014, embora a Líbia experimentasse sinais de incerteza, o primeiro-ministro da Líbia, Ali Zeidan, visitou a Turquia e assinou uma declaração conjunta para estabelecer a Cooperação Estratégica de Alto Nível, quando Ancara anunciou que continuaria a dar apoio à política e esforços de reconciliação económica na Líbia (*The Tripoli Post* 2014). Nesta via, as empresas turcas voltaram-se para a Líbia, especialmente para os negócios de construção, mas, como havia estruturas políticas bipolares, as empresas turcas foram obrigadas a retirar as suas propostas e a regressar à Turquia. No entanto, muito poucos fizeram negócios, com um custo de cerca de 168 milhões de dólares (Ipek 2016).

A 17 de dezembro de 2015, representantes de Trípoli e Tobruk assinaram um acordo político líbio negociado pela ONU com base em quatro princípios: "*garantir os direitos democráticos do povo líbio; um governo consensual baseado no princípio da separação de poderes, supervisão e equilíbrio; capacitar as instituições do Estado para enfrentar os sérios desafios futuros; e, respeito pelo poder judicial líbio e pela sua independência*" (Apap 2016). Em 15 de fevereiro de 2016, com o governo da Líbia apoiado pela ONU (GNA), Fayez Al-Sarraj foi nomeado primeiro-ministro pelo Conselho Presidencial da Líbia (LPC). O GNA finalmente mudou-se para Trípoli a 30 de março de 2016. Agora existem três estruturas diferentes que afirmam deter o poder e governar o país (Hall 2016), embora o Governo do Acordo Nacional da Líbia tenha sido apoiado pelas Nações Unidas e pela União Europeia (Apap 2016). O GNA parece preencher a lacuna de poder que é não só unificar os dois grupos rivais do país, mas também lutar contra o ISIL e outras ações terroristas.

De momento, a Líbia tem três centros de poder distintos; O primeiro é o Conselho Presidencial (CP) apoiado pela ONU, localizado na base naval de Ebu Sittah, perto de

⁴ Consultado *on-line* em <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/06/turkey-libya-economic-interests-ankara-tripoli-embassy.html>



Trípoli, desde 30 de março de 2016. O CP é liderado por Fayeze al-Sarraj em conformidade com o Acordo Político da Líbia (LPA) de dezembro de 2015 (Hall 2016). O CP preside ao Governo do Acordo Nacional, que deveria ter sido apoiado pela Câmara dos Deputados, o que até ao momento não aconteceu. O outro é o Governo de Salvação Nacional, localizado em Trípoli e liderado pelo primeiro-ministro Khalifa Ghwell, autorizado pelo Congresso Geral Nacional (CGN) e resultado das eleições de 2012. Esta formação era apoiada pela Turquia, mas, no entanto, Ancara apoiou o governo mediado pela ONU na reunião realizada em Roma em dezembro de 2015 (MFA 2015a). O último centro de poder está sediado em Tobruk ou al Bayda, e também foi aprovado pelo Governo do Acordo Nacional. Esse poder, liderado por Abdullah al Thinni, está sob o controlo do general anti-islâmico alinhado pelo Egito, Khalifa Haftar, que lidera o exército nacional líbio (LNA) (Fitzgerald 2017).

Destes três centros de poder, o controlado por Hkhalifa Haftar (BBC Africa 2016) constitui de momento a formação mais poderosa. O governo de Tobruk-al Bayda ganhou o apoio do Egito, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, França (BBC 2016) e Rússia (Abdessadok 2017). O Egito, atualmente, é o aliado mais poderoso da Líbia.

Por um lado, Tobruk e o Egito partilham os mesmos objetivos políticos, erradicando o islamismo radical e aumentando a autonomia do leste da Líbia, e, por outro, as entregas de armas são também uma questão importante para os dois países (Fitzgerald 2017). A Turquia e o Catar não têm a mesma influência sobre o governo de Tobruk, apenas o Egito e os Emirados Árabes Unidos têm influência suficiente na Líbia (Fitzgerald 2017). Tanto a Turquia como o Catar foram acusados pelo lado de Khalifa Haftar de apoiar o segmento da Irmandade Muçulmana na Líbia (Cafiero and Wagner 2015).

Desde março de 2016, o GNA tem controlado ministérios e instalações governamentais na capital. Recentemente, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Líbia anunciou numa conferência de imprensa que Haftar será nomeado comandante-chefe do exército líbio, na condição de aceitar o GNA como autoridade governante. No entanto, isso não aconteceu (Abdessadok 2017).

Emrullah Isler, ex-vice-primeiro ministro, foi nomeado enviado especial do presidente Recep Tayyip Erdogan à Líbia para visitar Trípoli e Tobruk com vista à reconciliação entre os dois países. Durante os dois dias da visita, Isler conheceu o chefe do Conselho da Presidência, Faiez Serraj, o membro do CP Abdelsalam Kajman, o ministro da Defesa interino Al-Mahdi Al-Barghathi, o chefe do Conselho de Estado Abdul Rahman Sewehli, o chefe da nova Guarda Presidencial Najmi Al-Nakua, e o Presidente da Câmara de Misrata, Mohamed Eshtewi, entre outros (Libya Herald 2016). Nesta reunião, Isler informou que Ancara queria reabrir a embaixada, retomar os voos da *Turkish Airlines* para a Líbia e os trabalhos de construção da fábrica de 640 MW em Obari. A Enka Engineering começara a trabalhar aí antes da revolução, mas foi interrompida em 2011. O trabalho recomeçou em outubro de 2012, mas foi novamente suspenso em setembro de 2014 devido ao problema de segurança na área (Libya Herald 2016). No entanto, esses esforços não obtiveram resultados positivos por causa da instabilidade da situação política na Líbia. Mesmo assim, Isler disse que Ancara estava interessada em contornar a situação e negociar com todos os lados, mas foi informado dos rumores que Ancara tinha apoiado os islâmicos, originando a falta de confiança entre os dois países (Hoog 2014).



Ankara participou numa reunião em Roma/Itália e assinou um "Comunicado Conjunto da Reunião Ministerial para a Líbia" em 13 de dezembro de 2015. O tema principal da declaração foi o apoio prestado ao GNA⁵.

*"Afirmamos o nosso apoio total ao povo líbio na manutenção da unidade da Líbia e das suas instituições que funcionam em benefício de todo o país. É urgentemente necessário criar um **Governo do Acordo Nacional** baseado na capital Trípoli para fornecer à Líbia os meios para manter a governança e promover a estabilidade e o desenvolvimento económico. Estamos de acordo com todos os líbios que exigiram a rápida formação de um Governo do Acordo Nacional com base no Acordo de Skhirat, que inclua representantes da maioria dos deputados do Parlamento e do Congresso Geral Nacional, de Independentes, de Municípios, dos partidos políticos e da sociedade civil que se reuniram em Túnis a 10 e 11 de dezembro. Congratulamo-nos com a notícia que os membros do diálogo político da Líbia assinarão o acordo político em Skhirat a 16 de dezembro. Incentivamos todos os atores políticos a assinar este acordo final a 16 de dezembro e apelamos a todos os líbios para que se unam e apoiem o Acordo Político da Líbia e o Governo do Acordo Nacional".*

Juntamente com os EUA, a Inglaterra, a Alemanha, a França, e a União Europeia, Ankara manifestou pleno apoio ao GNA para combater todo o tipo de ação terrorista, incluindo o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL).

"Um Governo do Acordo Nacional é essencial para abordar, em parceria com a comunidade internacional, os desafios críticos humanitários, económicos e de segurança do país, incluindo o EIIL e outros grupos extremistas e organizações criminosas envolvidas em todas as formas de contrabando e de tráfico, inclusive de seres humanos" (MFA 2015b).

"Mevlüt Çavuşoğlu, Ministro dos Negócios Estrangeiros, participou na cerimónia de assinatura do Acordo Político da Líbia em 17 de dezembro de 2015"⁶, e proferiu um discurso que concretamente atesta a nossa solidariedade para com o povo líbio irmão. No comunicado de imprensa, afirmou:

"Acreditamos que a base da reconciliação nacional se ampliará ainda mais num futuro próximo e todo o povo da Líbia contribuirá para o

⁵ Consultado *on-line* em http://www.mfa.gov.tr/joint-communicate-of-the-ministerial-meeting-for-libya_-13-december-2015_-rome_-italy.en.mfa

⁶ Consultado *on-line* em http://www.mfa.gov.tr/no_-311_-18-december-2015_-press-release-regarding-the-signing-of-the-libyan-political-agreement.en.mfa



*sucesso do **Governo do Acordo Nacional** de base alargada, a ser constituído nos termos do Acordo.*

*A Turquia contribuirá, através de qualquer meio, para os esforços do **Governo do Acordo Nacional** para estabelecer a segurança e a estabilidade no país durante o processo de transição” (MFA 2015c).*

A Turquia também participou na Reunião Ministerial e assinou o Comunicado Conjunto para a Líbia, realizada em Viena em 16 de maio de 2016, apoiando fortemente o GNA juntamente com todos os outros países participantes⁷;

“...expressamos o nosso forte apoio ao povo líbio na manutenção da unidade da Líbia. Reafirmamos o nosso apoio à implementação do Acordo Político da Líbia (APL) de Skhirat, Marrocos, assinado em 17 de dezembro de 2015, e ao Governo do Acordo Nacional (GNA) como o único governo legítimo da Líbia, tal como afirmado no Comunicado de Roma de 13 de dezembro de 2015 e aprovado na Resolução 2259 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Instamos todas as partes a trabalhar de forma construtiva para a conclusão do quadro institucional de transição, particularmente ao permitir que a Câmara dos Deputados desempenhe plenamente o papel descrito no APL...” (MFA 2016).

A 30 de maio de 2016, o ministro do Negócios Estrangeiros da Turquia, Mevlut Cavusoglu, visitou a Líbia e disse, depois de reunir com o seu homólogo líbio Mohammed Siyala e o primeiro-ministro Fayez Seraj na base naval, que a Turquia está ansiosa por ser o primeiro país a reabrir a embaixada na Líbia (Reuters 2016). Cavusoglu também prometeu apoio turco aos esforços do governo para restaurar a estabilidade e a segurança na Líbia e reiterou a importância que a Turquia esperava assumir com a sua presença económica no estado norte africano, frisando que as empresas turcas esperavam com determinação continuar o seu trabalho e retomar as suas atividades na Líbia nos setores dos transportes e da energia (Reuters 2016). De forma a reavivar as relações, ambos os lados têm abordado a importância da cooperação económica e comercial como um dos principais motivos (Kayalioglu 2016b).

Como obviamente se depreende dos esforços de Ancara acima referidos, a Turquia tem tentado todos os tipos de instrumentos para restabelecer boas relações com o governo apoiado pela ONU e pelo Ocidente (GNA), comprometendo-se a prestar todo o apoio ao GNA para combater o terrorismo e as formações islâmicas extremas. Ancara adotou uma nova abordagem de atuação em conjunto com a ONU e outros países que apoiam o GNA para proporcionar estabilidade e autoridade ao governo GNA na Líbia. Isso significa que

⁷ Reunião Ministerial para o Comunicado Conjunto sobre a Líbia, 16 de maio de 2016, Viena, Argélia, Chade, China, Egito, França, Alemanha, Jordânia, Itália, Malta, Marrocos, Níger, Catar, Rússia, Arábia Saudita, Espanha, Sudão, Tunísia, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Reino Unido, Estados Unidos, União Europeia, Nações Unidas, Liga dos Estados Árabes e União Africana.



a Turquia se abstém de seguir outras formas ou de divergir de outros países ou contrariar a vontade do povo da Líbia.

5. Política Turca de Expansão Africana

As relações com os países africanos começaram a melhorar com a política de abertura da Turquia para com a África através do Plano de Ação adotado em 1998 (MFA 2017a). Cinco anos depois, um documento de estratégia "sobre o desenvolvimento das relações económicas com os países africanos foi preparado pela Subsecretaria de Comércio Externo em 2003"⁸.

Posteriormente, em 2005, as visitas mútuas melhoraram as relações económicas entre a Turquia e os países africanos iniciadas pelo presidente Recep Tayyip Erdogan, quando era primeiro-ministro, no âmbito da "Expansão Africana" (MFA 2017b). O primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan (RTE), foi a primeira personagem política de alto nível a visitar os países da África subsaariana nesse ano. RTE foi o primeiro líder não-africano a visitar a Somália em 20 anos, tendo repetido a visita em 2013 e 2015, respetivamente, nesta última já como presidente. Abdullah Gul realizou 4 visitas a África durante a sua presidência. Estas visitas oficiais efetuadas por altas entidades foram muito importantes devido ao fato de antes de 2005 não ter havido nenhuma nem qualquer estabelecimento de relações.

As cimeiras turco-africanas realizaram-se tanto na Turquia como nos países africanos, para definir as políticas de melhoria das relações mútuas e que conduziram a novos programas de cooperação. Como resultado, a Turquia recebeu o estatuto de observador na União Africana em 2005. Em 2008, Ancara tornou-se um parceiro estratégico da União Africana e membro não regional do Banco Africano de Desenvolvimento no mesmo ano (MFA 2017a).

Além disso, entre 18 e 21 de agosto de 2008 realizou-se em Istambul a "Cimeira de Cooperação entre a Turquia e África" com a participação de 49 países africanos. "A Declaração de Istambul sobre a Parceria Turquia-África: Cooperação e Solidariedade para um Futuro Comum" e o "Quadro de Cooperação para a Parceria Turquia-África", adotados durante a Primeira Cimeira entre a Turquia e a África de 2008, estabeleceram um mecanismo de acompanhamento.

Por conseguinte, a Reunião de Funcionários de Alto Nível realizou-se a 15 de dezembro de 2010, e a Conferência de Revisão Ministerial teve lugar a 16 de dezembro de 2011, em Istambul. No âmbito do referido mecanismo de acompanhamento, a "Segunda Cimeira da Cooperação entre a Turquia e África" realizou-se entre 19 e 21 de novembro de 2014 em Malabo (Guiné Equatorial)⁹. Posteriormente, a Turquia organizou duas vezes as Conferências Istambul-Somália no âmbito da ONU, de 21 a 23 de maio de 2010 e de 31 de maio a 1 de junho de 2012, respetivamente. A Turquia também acolheu a Quarta Conferência das Nações Unidas sobre Países Menos Desenvolvidos, em Istambul, de 9 a 13 de maio de 2011, e ofereceu-se para sedear a Conferência de Revisão de Médio Prazo do Programa de Ação de Istambul em 2015. Por fim, a Turquia organizou o Fórum de

⁸ Consultado *on-line* em <http://www.mfa.gov.tr/turkey-africa-relations.en.mfa>

⁹ Consultado *on-line* em <http://www.mfa.gov.tr/turkey-africa-relations.en.mfa>



Parceria de Alto Nível para a Somália em 23-24 de fevereiro de 2016 em Istambul (MFA 2017a).

De acordo com a decisão da União Africana, a Segunda Cimeira teve lugar em Malabo, capital da Guiné Equatorial, de 19 a 21 de novembro de 2014, subordinada ao tema "Um Novo Modelo de Parceria para o Fortalecimento do Desenvolvimento Sustentável e Integração", e começou com a Reunião dos Funcionários de Alto Nível em 19 de novembro. Seguiu-se a Reunião Ministerial de 20 de novembro, culminado com a Cimeira em 21 de novembro, que aprovou uma Declaração e um Plano de Implementação Conjunto para o período 2015-2019. De acordo com a decisão tomada na Cimeira, a Terceira Cimeira de Cooperação ente a Turquia e África realizar-se-á na Turquia em 2019 (MFA 2017a).

A Turquia continuará empenhada em apoiar as capacidades institucionais da União Africana e de outras organizações regionais no sentido de obter progressos nas áreas prioritárias que irão consolidar a apropriação africana dos assuntos africanos. A Turquia tem contribuído financeiramente com 1 milhão de dólares para a União Africana desde 2009. A Turquia também contribui para organizações regionais quando necessário (MFA 2017a).

Enquanto o número de embaixadas no continente africano era de 12 em 2009, esse número já tinha aumentado para 39 em 2015, o mesmo acontecendo com as embaixadas de países africanos, que eram 10 em Ancara em 2009, e 31 em 2015. Nesta linha, as linhas aéreas turcas organizaram mais de 40 voos para 28 países africanos de acordo com esta política de expansão.

Os empreiteiros turcos encontram-se entre os principais empresários a operar no continente africano. A participação dos países africanos no volume global de negócios internacionais dos empreiteiros turcos é de cerca de 21% (a participação do Norte de África é de 19%). Os empreiteiros turcos até agora realizaram mais de 1.150 projetos em África, rendendo 55 biliões de dólares.

Existe um número crescente de investimentos turcos, muitos exemplares, nos vários países africanos que empregam mão-de-obra local, usam recursos produzidos nacionalmente e exportam produtos finais para países terceiros. A este respeito, estima-se que o investimento total turco em África seja de cerca de 6,2 biliões de dólares. De acordo com um relatório publicado em outubro de 2015 (*Financial Times*), o investimento turco em África cria o maior número de empregos nesse continente (16.593 em 2014) em comparação com outros investimentos estrangeiros diretos em África (MFA 2017a).

A Turquia deixou de requerer vistos aos titulares de passaporte diplomático de 17 países africanos. Empresários e turistas africanos que viajem em companhias aéreas turcas e sejam detentores de vistos Schengen, dos EUA ou do Reino Unido válidos, podem obter os seus vistos de entrada na Turquia no aeroporto de Ataturk, em Istambul. A Associação Yunus Emre estabeleceu o Centro Cultural Turco em Cartum, e está a planear abrir novos centros em Pretória, Djibouti, Gâmbia e Níger (MFA 2017a).

Todas estas medidas foram realizadas pelo Presidente Recep Tayyip Erdogan, que visitou 23 países diferentes entre 2004 e 2017 (En Son Haber 2017), e assinou 19 acordos, o último com a Tanzânia (Toprak 2017).



“Em consonância com a melhoria das relações diplomáticas, a Turquia abriu consulados comerciais em 26 capitais africanas. Além disso, o Conselho turco de Relações Económicas Estrangeiras estabeleceu câmaras de negócios em 19 países da África subsaariana. Ancara também assinou acordos de cooperação comercial e económica com 38 países africanos, de acordo com as relações económicas salutaras mútuas”¹⁰.

O volume de comércio bilateral da Turquia com vários países da África atingiu 17,5 biliões de dólares em 2015. O volume de negócios com a África subsaariana foi de 6 biliões de dólares em 2015, o que reflete uma queda no comércio da Turquia com o continente africano, de acordo com a diminuição do comércio global. Apesar disso, a participação da Turquia no volume do comércio total de África permaneceu praticamente inalterado (DEIK 2016).

As relações económicas entre a Turquia e os países africanos ganharam cada vez mais importância entre 2011 e 2015, nos anos em que as relações foram estabelecidas e objeto de uma estratégia política muito mais determinada por parte da Turquia. Neste período, enquanto a exportação total da Turquia para os países africanos foi de 64 biliões de dólares, o volume do comércio externo foi de 93,8 biliões de dólares. No período entre 2011 e 2015, o Egito esteve em primeiro lugar com aproximadamente 17 biliões de dólares de exportações da Turquia. No entanto, os países do norte da África assumiram precedência no comércio externo. A Argélia vem a seguir ao Egito com cerca de 10 biliões de dólares, a Líbia com 9 biliões e 120 milhões de dólares, Marrocos com cerca de 6 biliões de dólares e a Tunísia com 4 biliões e 225 milhões de dólares, respetivamente (Jornal *Sabah* 2017).

Obviamente, todas as relações económicas com a Líbia cessaram após o conflito diplomático entre o governo de Tobruk, sob a liderança de Khalifa Haftar e Ancara em 2014.

6. Conclusões

Ancara compreende a importância da Líbia, mas dois objetivos principais devem ser cumpridos; Primeiro, a Turquia deve recuperar a posição que detinha no tempo de Kadhafi, para que as empresas turcas recebam os montantes que auferiam antes do conflito. Ancara não poderá fazê-lo se não puder estar lá com seus ativos políticos, económicos e culturais. “Essa abordagem conciliadora em relação à Líbia significa que Ancara está a abandonar a sua postura de apoio à Irmandade Muçulmana na sua política regional, o que será um bom exemplo para outros países africanos que sofrem com organizações terroristas islâmicas extremistas, seja na África do Norte ou na região subsaariana¹¹”. Com essa abordagem, seria fácil estabelecer relações estreitas com esses países do continente africano contra a Irmandade Muçulmana ou grupos similares, e certamente facilitaria o restabelecimento da confiança mútua entre os dois governos, a fim de melhorar as relações políticas, e logo as económicas e outras. Nesse sentido,

¹⁰ Consultado *on-line* em <http://www.mfa.gov.tr/turkey-africa-relations.en.mfa>

¹¹ Consultado *on-line* em <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/06/turkey-libya-economic-interests-ankaratripoli-embassy.html>



Ankara deve manter uma posição sensível e imparcial em relação a qualquer tipo de formação que ameace o governo GNA, como os outros países ocidentais e orientais. A Turquia deve igualmente envidar todos os esforços para sanar as relações com o Egito de forma a anular o domínio deste último sobre a Líbia.

A hostilidade da Turquia em relação ao governo do presidente Abdel Fattah al-Sisi vira completamente a política do Egito sobre a Líbia contra Ankara. Desta forma, a “batata quente” da Irmandade Muçulmana apoiada por Ankara passaria para as mãos do Egito e não haveria nenhuma desculpa para o Cairo apoiar claramente Khalife Haftar. Como resultado, Ankara poderia contribuir para estabelecer a estabilidade e segurança na Líbia ao conceder o seu apoio total ao governo GNA, o que seria a melhor forma pública de abertura diplomática para com o povo líbio e geraria a sua simpatia novamente.

Em segundo lugar, a abertura da estratégia africana não será bem-sucedida se a Líbia permanecer fora desse processo. A Turquia é o único país muçulmano que pode realizar essa abertura, especialmente desde a década de 2000. Uma nova abordagem em relação à Líbia abrirá o caminho para que outros países do norte da África fortaleçam as suas relações com Ankara.

Acima de tudo, a Líbia é o portão principal do Mar Mediterrâneo, através do qual é possível alcançar os países ricos em petróleo do continente africano (ou seja, Mali, Níger, Chade e Sudão). Por essa razão, tem uma importância geoestratégica para todos os países europeus, e ocupa uma posição de destaque na produção petrolífera. Ankara não poderá penetrar na região do norte da África se negligenciar a Líbia. Em última análise, a Líbia é uma das prioridades mais importantes para a Turquia na sua Política de Abertura em África.

A Turquia parece estar ciente de que é importante que a Líbia seja governada por um governo estável e democrático e que a partir de agora deve mudar a sua política em relação à Líbia para apoiar o fortalecimento do regime apoiado pela ONU, de forma a garantir a melhoria das relações entre os dois países e que Ankara seja bem-vista aos olhos dos políticos líbios num futuro próximo.

Referências Bibliográficas

- Abdessadok, Zineb. 2017. 'Libya Today: From Arab Spring to Failed State'. *Al Jazeera*.
- Apap, Joanna. 2016. *Libya after Gaddafi: A Challenging Transition*. <http://www.europarl.europa.eu/thinktank>.
- BBC. 2016. 'Libya Attack: French Soldiers Die in Helicopter Crash'. *BBC News*.
- BBC Africa. 2016. 'Profile: Libya's Military Strongman Khalifa Haftar'. *BBC Africa*.
- Cafiero, Giorgio, e Daniel Wagner. 2015. 'Four Years After Gaddafi Libya Is a Failed State'. [fpif.org /fouryearsaftergaddafilibyaaisafailedstate/](http://fpif.org/fouryearsaftergaddafilibyaaisafailedstate/).
- Chivvis, Christopher S. Martini, Jeffrey. 2014. *Libya after Qaddafi*.
- DEIK. 2016. 'Turkey-Africa Relation'. *DEIK*. <http://www.turkeyafricaforum.org/about-tabef-tr-tr/turkey-africa-relations-tr-tr/> (17 de junho de 2017).
- En Son Haber. 2017. 'Cumhurbaşkanı Erdoğan Afrika'da 23 Ülkeyi Ziyaret Etti'. <http://www.ensonhaber.com/cumhurbaskani-erdogan-afrikada-23-ulkeyi-ziyaret-etti->



2017-01-28.html.

Erdogan, Pınar, e Adnan Çelik. 2015. 'The Problems That Libyan Crisis Caused for Turkish Contractors'. *International Journal of Human Sciences*, 12(2): 443–60.

Fitzgerald, Mary. 2017. *A QUICK GUIDE TO LIBYA'S MAIN PLAYERS*.

Hall, Richard. 2016. 'Libya Now Has Three Governments, None of Which Can Actually Govern'. *PRI*. <https://www.pri.org/stories/2016-03-31/libya-now-has-three-governments-none-which-can-actually-govern> (20 de junho de 2017).

Hoog, Joohny. 2014. 'Turkey's Role in Libya Adds to pro-Islamist Perception'. *Reuters*. <http://www.reuters.com/article/libya-turkey-idUSL6N0T147120141113> (20 de junho de 2017).

Hurriyet. 2011. 'Türkiye'nin Yardımı Elimize Ulaştı'. *jornal Hurriyet*. <http://www.hurriyet.com.tr/turkiye-nin-yardimi-elimize-ulasti-18380666> (6 de junho de 2017).

Ipek, Volkan. 2016. 'TÜRKIYE-LIBYA EKONOMİK İLİŞKİLERİNE ARAP BAHARI ETKİSİ'. *Ortadoğu Analiz*.

Kayalioglu, Barin. 2016a. 'Why Turkey Is Making a Return to Libya'. <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/06/turkey-libya-economic-interests-ankara-tripoli-embassy.html>.

———. 2016b. 'Why Turkey Is Making a Return to Libya'. *Al Monitor*. <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/06/turkey-libya-economic-interests-ankara-tripoli-embassy.html> (21 de junho de 2016).

Libya Herald. 2016. 'Turkey Again Expresses Hope of Returning to Tripoli – but Only When Security Is Guaranteed'. *Libya Herald*. <https://www.libyaherald.com/2016/11/04/turkey-again-expresses-hope-of-returning-to-tripoli-but-only-when-security-is-guaranteed/>.

MFA. 2016. 'Ministerial Meeting for Libya Joint Communique, 16 de maio de 2016, Viena'. *MFA, Turkey*. http://www.mfa.gov.tr/ministerial-meeting-for-libya-joint-communique_-16-may-2016_-vienna.en.mfa (21 de junho de 2017).

———. 2017a. 'TURKEY-AFRICA RELATIONS'. *MFA, Turkey*. <http://www.mfa.gov.tr/turkey-africa-relations.en.mfa> (17 de junho de 2017).

MFA, Turkey. 2015a. 'Dışişleri Bakanı Çavuşoğlu Roma'da Libya Konulu Dışişleri Bakanları Toplantısına Katıldı'. *MFA, Turkey*. http://www.mfa.gov.tr/disisleri-bakani-cavusoglu-roma_da-libyakonulu-%0Adisisleri-bakanlari-toplantisina-katildi.tr.mfa (16 de junho de 2017).

———. 2015b. 'Joint Communique of the Ministerial Meeting for Libya, 13 December 2015, Rome, Italy'. http://www.mfa.gov.tr/joint-communique-of-the-ministerial-meeting-for-libya_-13-december-2015_-rome_-italy.en.mfa (21 de junho de 2016).

———. 2015c. 'No: 311, 18 December 2015, Press Release Regarding the Signing of the Libyan Political Agreement'. *MFA, Turkey*. http://www.mfa.gov.tr/no_-311_-18-december-2015_-press-release-regarding-the-signing-of-the-libyan-political-agreement.en.mfa (22 de junho de 2016).

———. 2017b. 'TURKEY-AFRICA RELATIONS'. <http://www.mfa.gov.tr/turkey-africa->



relations.en.mfa (4 de junho de 2017).

NTV. 2009. 'Kaddafi'nin Meşhur Çadırı'. *NTV*.
http://www.ntv.com.tr/galeri/dunya/kaddafinin-meshur-cadiri,LLC7rozJkkGZFdOymXTNSw/FS9VmVNQgEiHnb4bj3_Asw (1 de junho de 2017).

Reuters. 2016. 'Turkey Hopes to Reopen Tripoli Embassy, Build Economic Ties - Foreign Minister'. *Reuters*. <http://af.reuters.com/article/topNews/idAFKCN0YL1K4> (20 de junho de 2016).

Sabah Newspaper. 2017. 'Cumhurbaşkanı Erdoğan'ın Ziyaret Edeceği Afrika Ülkelerinin Potansiyeli Yatırımcıları Heyecanlandırıyor!' *Sabah Newspaper*.
<http://www.sabah.com.tr/ekonomi/2017/01/22/cumhurbaskani-erdoganin-ziyaret-edecegi-afrika-ulkelerinin-potansiyeli-yatirimcileri-heyecanlandiriyor-1485080615> (18 de junho de 2017).

The Tripoli Post. 2014. 'Zeidan Visits Turkey Amid Uncertainty in Libya'. *The Tripoli Post*.
<http://www.tripolipost.com/articledetail.asp?c=1&i=10893>.

Toprak, İlhan. 2017. 'Cumhurbaşkanı Erdoğan'ın Doğu Afrika Ziyaretinde 19 Anlaşma İmzalandı'. *Anadolu Ajansı*. <http://aa.com.tr/tr/turkiye/cumhurbaskani-erdoganin-dogu-afrika-ziyaretinde-19-anlasma-imzalandi/736662> (18 de junho de 2017).